

**A LINGUÍSTICA E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS
DE CHICO BENTO 50 ANOS:
“SARVE A ROÇA”**

Marly Custódio da Silva (UEMS)
mcsilva05@hotmail.com

Taís Turaça Arantes (UEMS)
taistania@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Como objeto de estudo desse trabalho escolheu-se a história em quadrinhos "Chico Bento: Sarve a Roça", do livro *Chico Bento: 50 Anos*, de Maurício de Sousa. Para tanto a sociolinguística foi utilizada como base teórica. Será feita uma abordagem histórica refletindo as mudanças e o processo de evolução da língua. Tal reflexão só é perceptível à mudança a partir do momento em que comparamos textos de épocas passadas com textos atuais. Para conceituarmos a evolução da língua (os metaplasmos) ao longo de sua existência tomamos como base Coutinho (2005) e Silva (2010). Abordaremos o dialeto caipira do personagem Chico Bento, com base em Perini (2000) para elucidar tal preconceito que a população com menor prestígio social sofre por grande parte de falantes urbanos letrados.

Palavras-chave: Linguística. Histórias em quadrinhos. Chico Bento.

1. Introdução

O presente artigo é um dos resultados de estudos e discussões sobre as histórias em quadrinhos, tomada como *corpus* para pesquisas linguísticas, realizadas pelo NuPeQ – Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Destarte, a linguística, essa ciência, que se dedica ao estudo da língua e linguagem, apresenta suas ramificações e subáreas de estudo e é a partir dessas ramificações que o grupo aplica a base teórica para as análises de seus recortes com os quadrinhos.

A priori, a ramificação da linguística abordada nesse estudo é a sociolinguística, *a posteriori* como acontece a sua aplicação enquanto fundamentação teórica nas histórias em quadrinhos, com o recorte para as histórias em quadrinhos do Chico Bento tradicional. Abordaremos uma das histórias em quadrinhos da edição comemorativa de *Chico Bento: 50 anos*, em que reuni um pouco da trajetória do personagem em 50

anos de sua criação, "Chico Bento: Sarve a Roça", p. 95-109 será nosso objeto de análise.

A despeito da metodologia, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica de um *corpus* escrito²⁵, no qual buscou-se montar um corpus da língua escrita em sua abordagem histórica, mostrando o processo de metaplasmos ocorrido nos quadrinhos da história que propomos analisar.

2. A sociolinguística

A sociolinguística firmou o seu espaço como campo de estudo em 1964 a partir de uma conferência realizada por Willian Brighth e outros 25 pesquisadores da UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles. Entre esses pesquisadores estava Willian Labov, que veio a se tornar um dos expoentes da área. Nesse encontro as discussões eram fomentadas pela função da língua na sociedade. (ALKMIM, 2004, *apud* SILVA, 2011, p. 98)

Logo, como supracitado, a sociolinguística é uma das subáreas de estudos da linguística. Como o seu próprio nome indica, a sociolinguística estuda a língua dentro da sua comunidade de fala, na qual os aspectos de análise/investigação relacionam a linguística com aspectos sociais. Essa ciência se constitui em um espaço interdisciplinar, no entremeio da língua e sociedade. (MOLLICA, 2010, p. 09)

Nesse sentido, explanando sobre a língua materna, Naro (2010, p. 15) aponta que na língua portuguesa existem cadeias que são aceitas e outras que não. Observa-se as seguintes cadeias: a) *a casa*; b) *casa a*. A primeira não causa estranheza, enquanto a segunda sim. A cadeia aceita seria a que o artigo antecede o substantivo. Nessa mesma linha de raciocínio o referido pesquisador explica que em outros casos a língua dispõe de mais de uma variante que podem ser usadas pelos falantes sem causar grandes alterações na mensagem transmitida.

As variações linguísticas ficam mais perceptíveis na fonologia, como o caso do fenômeno da monotongação, de *cadeira* para *cadera*, de

²⁵ Como explica Silva (2013, p. 93), "os materiais escritos podem ser os mais diversos, desde cartas até a literatura formal (clássica), passando por todos os tipos de textos: revistas em quadrinhos, textos de peças de teatro, periódicos [...]. O que vai definir com que fenômeno e com que texto trabalhar é interessante é o interessante do pesquisador".

peixe para *pexe*, *geladeira* para *geladera*, entre outros exemplos. Assim, como também há as variantes com ou sem a nasalização em *homem/home*, a vogal alta e vogal média na primeira sílaba em *menino/minino*. As variantes coexistem como opção para os falantes (*idem*).

A partir dessa breve contextualização de opções que os falantes possuem em sua língua materna, e, como já se possui o conhecimento prévio de que as variantes ocorrem em todos os níveis de gramática, abre-se espaço para questionamentos: a) a variação linguística ocorre de forma aleatória?; b) Existe algo que motive um grupo para falar de um jeito? (COELHO et al., 2015, p. 19)

Para Coelho resposta do primeiro questionamento é *não*, pois para ela a variação não acontece por um acaso, existem *regras* que a regem. Por isso que os falantes se compreendem, pois, mesmo que sua fala seja uma variável a comunicação se estabelece entre eles. (*Idem*)

Para o segundo questionamento a resposta seria as forças existentes dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou apenas uma só a falar de um jeito. Essas forças recebem o nome de *condicionadores* (*idem*). A seguir uma explicação mais detalhada sobre esse termo:

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam a nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “riva(is)”. (COELHO et al., 2015, p. 20)

Os condicionadores auxiliam no trabalho de verificar e delimitar quais “os contextos mais propícios” para a ocorrência de uma variante em estudo (*idem*). Desse modo será abordada a variante dialetal caipira, destacando o *habitat* natural em que Chico Bento vive com sua família, amigos, fauna e flora.

Com esse breve exposto verificou-se que entre as subáreas e ramificações da linguística, a sociolinguística apresentou-se como uma das melhores abordagens para as histórias em quadrinhos da edição comemorativa de 50 anos do Chico Bento, sendo analisada a história "Chico Bento: Sarve a Roça". Enfocando a variação dialetal caipira e o processo de metaplasmo ocorrido ao longo do tempo.

Ao longo dos mais de 1500 anos de independência do Brasil, o idioma português foi imposto como língua oficial causando um efeito direto sobre a população colonizada. Dessa maneira houve o surgimento de diferentes origens geográficas, étnicas, culturais e linguística permane-

cendo apenas a língua portuguesa como oficial, com isso acabou marginalizando as línguas de origem indígenas e africanas.

Povos ribeirinhos, com menor poder aquisitivo não tinham acesso aos estudos, ficando única e exclusivamente dedicado aos com melhores condições de financeira.

Passando-se o tempo, o dialeto do interior do Brasil foi se reafirmando na fala do homem do campo, tendo como marca registrada o "r" caipira - retroflexo. Segundo o dicionário Houaiss (versão *online* 2015), caipira é um:

- a. indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, de origem rural, cujo grupo, no passado, caracterizava-se especialmente por atividades na agricultura de subsistência, por sua cultura itinerante e por não ter a posse de terras.
- b. indivíduo simplório, geralmente habitante do interior do país, de pouca instrução e modos pouco refinados (como se supõe ser o caipira)

Percebe-se que a classificação para o "caipira" vai desde uma cultura ao modo de vestir de pessoas simples, pois para Cândido (1964, p. 108) o caipira seria uma cultura com as principais características de isolamento e posses de terras.

Amaral (1920, p. 1) destaca que a população que habitavam o campo sofreu com a migração para a cidade:

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal. Os genuínos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos.

Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.

Com o passar dos tempos essa cultura foi sendo estigmatizada e rotulada pelo grupo de letrados dos grandes centros urbanos. Nos quadriños selecionados para as análises é possível perceber esse preconceito

em relação às ações das pessoas do campo, ao seu dialeto, ao comportamento e modo de cuidar da natureza e animais.

3. As histórias em quadrinhos como corpus para as pesquisas

Atualmente muitas são as pesquisas que utilizam as histórias em quadrinhos como corpus. Como exemplo disso, pode-se citar outros grupos que visam o mesmo objetivo do Nupeq presente em universidades brasileiras de renome, entre os quais cita-se o *Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes* da Universidade de São Paulo, no qual os professores pesquisadores Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro coordenam eventos que discutem a importância das histórias em quadrinhos, tal qual *As Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*.

As discussões sobre as histórias em quadrinhos ao longo do tempo foram permeadas de pontos de vistas estereotipados, nos quais a negatividade delas para a educação eram as mais frequentes. Para além da discussão desse material dentro da sala de aula, alguns pensamentos errôneos também constituem essas visões estereotipadas, como: a) o material foi feito para as crianças; b) as temáticas são sempre de super-heróis que tentam salvar o dia; c) se não há espaço para esse material na educação básica, quem dirá na academia.

Os pontos levantados anteriormente fomentam a discussão a partir de agora. No que diz respeito que esse tipo de material foi feito para crianças, é preciso lembrar que existem *Graphic Novels* tais como: *O azul é a cor mais quente*, de Julie Maroh, que conta a história de uma adolescente que descobre sua sexualidade aos 15 anos; outro exemplo é *Watchmen*, de Alan Moore, que retrata como seria um mundo violento com super-heróis.

O segundo ponto, já breve exposto no parágrafo anterior, pode ser demonstrado através da própria significação do termo *graphic novel*:

O que algumas vezes permanece nebuloso é o que realmente significa o rótulo *graphic novel*. Embora não acreditemos em uma definição generalizante (pois não poderia haver somente uma) [...] Nós propomos que a *graphic novel* como meio, é parte de um conjunto de campos e práticas culturais mais abrangente, como literatura gráfica, narrativa visual e tudo que esteja inserido nesses campos e práticas. Raramente existem distinções claras entre tipos e categorias; ocorrem mais comumente “gradações” de diferenças, que são conhecidas pelos criadores e editores e são firmemente contestadas e debatidas, co-

mo parte da recepção de seu público. (BAETENS & FREY, 2015, p. 07)²⁶

Nesse sentido, também há uma questão de conteúdo relacionado com o termo, ele geralmente está ligado aos rótulos de narrativas com uma questão mais adulta, ou seja, haverá, na maioria das vezes a presença de elementos como prostituição, violência, sexo, drogas. Elementos que não aparecia de maneira tão explícita em um quadrinho voltado para o público infantil.

No que concerne o terceiro ponto, é que para além desses exemplos, como demonstraremos no próximo tópico, por mais que se exista essa visão de que esse tipo de material seja somente para as crianças, demonstramos como se pode utilizar esse tipo de *corpus* dentro da academia, como Ramos (2006, p. 1574) explica que há uma tendência e que “as histórias em quadrinhos se tornaram um novo objeto de estudos linguísticos”.

4. *Análise*

Para analisarmos a história em quadrinhos de "Chico Bento: Sarve a Roça", tomamos como base Coutinho (1976) e Silva (2010) com o conceito de metaplasmos, ambos com nomenclaturas diferentes, porém com a mesma definição e a relação entre os primos Zeca e Chico Bento e as pistas de preconceito em relação ao modo de viver do campo.

Para Coutinho (1976, p.142) metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras em sua evolução. Silva (2010, p.57) tem a seguinte definição para metaplasmo, são alterações que se operam nas palavras, na evolução do latim para o português, todas elas dependendo de causas várias.

Metaplasmos é a transformação ocorrida na língua através do tempo.

"Sarve a Roça" é uma história em que Chico Bento está preocu-

²⁶ What remains sometimes unclear is what is actually meant by the label "graphic novel." Although we do not believe in a general definition (for there can be no single or definitive one) [...] We propose that the graphic novel as a medium is part of other, more encompassing cultural fields and practices (graphic literature, visual storytelling, and that within these fields and practices there are rarely clear-cut distinctions between types and categories, but rather more commonly scales of differences, that are known by creators and publishers, that are tightly contested and debated as part of their public reception. (BAETENS & FREY, 2015, p. 07)

pado com a ação do homem no campo (o corte de árvores, a possibilidade de desaparecimento de peixes no rio, entre outros).

No decorrer da narrativa é possível perceber o aparecimento do retroflexo, como "marvada – malvada", monotongação como "porquera – porqueira" e a desanализação "fizero – fizeram". Conforme imagens a seguir:



Além da monotongação, da desnasalização e do retroflexo, encontramos epêntese, aférese, assimilação vocálica e ditongação, conforme segue:

- **quadrinho 1** - Absurdo ~ abissurdo - Inserida na língua portuguesa em 1589 com a classificação de adjetivo. A etimologia da palavra origina-se do latim *absūrdus*. Ocorrendo uma epêntese (o acréscimo do fonema "i" no interior da palavra).
- **quadrinho 2** - Você ~ ocê - Pronome inserido na língua portuguesa em 1665. A origem etimológica é incerta, durante o processo de evolução da língua houve registros como *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*. Ocorrendo uma aférese (queda do fonema "v" no início do vocábulo),

Nos quadrinhos de "Chico Bento: Sarve a Roça", percebe-se a maneira como o primo Zeca, que mora na cidade, se importa com os problemas ocorridos na roça. Chico reclama da falta de proteção com a natureza pela possível invasão de caçadores da cidade e o primo Zeca o ignora, dizendo que as pessoas da cidade é que sabem o que é ter problemas. Durante um diálogo com o Chico, Zeca comenta que as pessoas da cidade se preocupam com o mundo das pessoas do campo, como se o campo fosse uma extensão do mundo cidadão. Nos quadrinhos que segue é possível perceber, com clareza, a postura do primo da cidade





"Chico Bento: Sarve a Roça", p. 97

Há também a confusão que Chico Bento faz com a palavra *greenpeace*, remetendo ao significado de resfriado ou gripe. Conforme a evolução da língua, no vocábulo ocorreu os seguintes metaplasmos nesta página (97) da narrativa:

- **quadrinho 2** - Que ~ qui – pronome relativo, interrogativo e advérbio (século XIII), origina-se do latim *quid*. No quadrinho ocorreu uma assimilação vocálica "e" por "i".
- **quadrinho 5** - Greenpeace ~ gripis – A união substantivo feminino, “paz” – (1147) e verde – substantivo masculino (940) formou-se a palavra *greenpeace* (grupo que luta pela proteção do meio ambiente). No quadrinho ocorreu a assimilação vocálica (a união do “ee” por “i”), síncope (subtração do fonema “n” no interior do vocábulo), apócope (queda do fonema “ce” no fim do vocábulo) e paragoge (adição do fonema “s” no fim do vocábulo).
- **quadrinho 6** – Procê ~ para você – preposição “para”, origina-se do latim *per* e Você ~ ocê – pronome inserido na língua portuguesa em 1665. A origem etimológica é incerta, durante o

processo de evolução da língua houve registros como *vossa mercê* > *vossmecê* > *vosmecê* > *você*. Ocorrendo uma aférese (queda do fonema "v" no início do vocábulo) uma síncope e (subtração do fonema "ara" no interior do vocábulo).

- **Se ~ si** – pronome pessoal do caso oblíquo (século XIII) A etimologia origina-se do latim *se*. Ocorreu assimilação vocálica – "e" por "i".
- **Agasalhar ~ agasaiá** – verbo (século XIII), utilizado no quadrinho com o verbo no infinitivo, ocorrendo uma dissimilação consonantal regressiva ("lh" por "i"), uma apócope (queda do fonema no fim do vocábulo "r") seguida de acentuação gráfica "á".
- **Está ~ tá** – verbo (1044). A etimologia da palavra origina-se do latim *stāre*. Ocorre dupla aférese (queda do fonema no início de uma palavra "es").
- **Esquisito ~ isquesito** – adjetivo (século XV), origina-se do latim *exquisītus*. No quadrinho ocorreu uma assimilação vocálica "e" por "i".
- **De ~ di** – preposição (850-866), origina-se do latim *de*, ocorrendo uma assimilação vocálica "e" por "i".

Em todo o enredo da narrativa há o processo de metaplasmo, processo esse que encontramos com frequência na oralidade de pessoas letradas ou não, moradoras dos grandes centros ou do interior do país.

5. Considerações finais

Toda a língua, ao longo do tempo, sofre alteração na estrutura do vocábulo. Percebe-se essas mudanças a partir do momento em que comparamos textos antigos com textos contemporâneos, essa evolução é de extrema importância para que possamos perceber que a língua não é uma e que constantemente está se transformando, às vezes de forma lenta.

Após análise dos metaplasmos de "Chico Bento: Sarve a Roça", percebemos que os vocábulos estigmatizados pela maioria da população que mora na cidade e se diz letrada, são vocábulos que passaram pelo processo de metaplasmos e que podemos encontrar com facilidade na oralidade das pessoas que tiveram acesso aos bancos escolares e conhe-

cedores das regras gramaticais.

Além disso, esse trabalho demonstra que se pode utilizar as histórias em quadrinhos como corpus para análise de pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. Editora LL Library, 2013. Versão e-book.

BAETENS, Jan; FREY, Hugo. *The graphic novel: an introduction*. England: Cambridge Introductions to Literature, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio 1964.

COELHO, Izete Lehmkul; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 09-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-26.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. *Estudos Linguísticos*, vol. XXXV, p. 1574-1583, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/563.pdf>>

SILVA, Allyson Ewerton Vila Nova. *Um estudo sociolinguístico das histórias em quadrinhos na educação a distância*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem). – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A sociolinguística e a língua materna*.

Curitiba: Intersaberes, 2013.

SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro. 2010.

SOUSA, Maurício de. *Chico Bento: 50 anos*. Barueri: Panini Books, 2012.